



O CAFÉ DO SANTO: A INTERFACE ENTRE A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E A GEOGRAFIA DOS SABORES.

Marilene Ferreira Lobo

Universidade Federal do Paraná - UFPR

E-mail: marilenegeo12@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho foi desenvolvido dentro da geografia humanista cultural e geografia da religião, atendendo as perspectivas fenomenológica. O resumo aqui apresentado está recheado com contribuições da geografia dos sabores no intuito de tornar a leitura mais atrativa e saborosa. A escrita foi embasada nas narrativas dos sujeitos de Juazeiro do Norte-CE acerca da renovação ao Sagrado Coração de Jesus (SCJ).

O café é um produto extremamente popular no Brasil e no mundo. O ciclo do café foi um período significativo na história da econômica brasileira, sua produção foi por muito tempo a principal economia brasileira durante a República Velha. Principalmente na fase conhecida como "república dos oligarcas" (1894-1930).

Paralelo a esse período, no sertão do Ceará, o Padre Cicero Romão Batista incentivava o consumo do café após a reza da renovação ao SCJ, uma vez que se tratava de um produto acessível para a população que habitava o pequeno lugarejo conhecido como "Vila Tabuleiro Grande", o que veio mais tarde se tornar o município de Juazeiro do Norte-CE.

Não há uma precisão de quando se iniciaram as renovações ao SCJ. Segundo populares, tiveram início após o padre Cicero voltar de Roma em 1898. Baseado nessa informação, podemos dizer que a tradição de servir o café após a reza atravessa décadas, se fazendo presente até hoje no ritual da renovação ao SCJ realizado em quase todos os municípios que compõe a região do cariri cearense. Essa tradição evidencia a fala de Ferreira (2020) que a comida e a bebida estão no cerne de quem somos e de onde vivemos.

Embora vivamos na fase da industrialização, esse ritual tem se mantido resistente, o movimento da globalização não conseguiu apagar a prática cultural/simbólica do café servido ao final da renovação ao SCJ. Em tempos de comidas e bebidas gourmetizadas, ainda podemos acompanhar o consumo do café em muitos lares, onde reza-se a renovação ao SCJ.

A prática de servir o café após a reza foi inserida na cultura religiosa do lugar, e ganhou uma expressão forte e significativa cunhada como “o café do santo”. Esse café que é um fenômeno da essência e da experiência geográfica do sujeito com o ritual, deixando evidente, a geograficidade apontada por Dardel (2015), uma vez que tal conceito refere-se à relação que estabelecemos com o mundo e com as coisas do mundo. A renovação ao SCJ, ou simplesmente renovação, ou reza do santo como é chamada na região do cariri cearense, é uma prática devocional deixada pelo padre Cicero Romão Batista e praticada por muitas famílias católicas do lugar. Fazer a reza do santo todos os anos é também manter vivo um dos ensinamentos deixados pelo padre Cícero Romão Batista, como destaca Della Cava (2014).

O evento é domiciliar, acontece em uma única data, uma única vez ao ano. A data da reza é escolhida pela família celebrante, mantendo todos os anos a reza nesta mesma data. É seguido um rito que é conduzido pela rezadeira, pessoa que conduz a celebração. A renovação é o momento de agradecimento, fortalecimento e renovação da fé da família para com o SCJ.

Este agradecimento pode ser percebido também no momento de servir o café após a reza. Uma vez que a comida ou bebida, gostos e sabores, agem (re)significando momentos e lugares, Ferreira (2020). Esta ação demonstra também uma memória coletiva essencialmente mítica, deformada, anacrônica, que constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado, entre o sujeito e sua devoção (Le Goff, 1990).

Cassirer (1994) nos apresenta a ideia do ser humano como sendo um “animal simbólico” a partir dessa leitura podemos afirmar que toda relação do homem com o mundo é pautada a partir de uma dimensão simbólica. Ou seja, a experiência humana é impregnada de sentido, de significado, e porque não dizer que também de memórias e sabores.

Ao falarmos de memória, Delgado (2006) descreve:

Os conceitos e significados da memória são vários, pois a memória não se reduz ao ato de recordar. Revelam os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano fornecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e identidades (Delgado, 2006, p. 38).

Portanto, baseado nos relatos das memórias e lembranças dos entrevistados, é possível dizer que a algumas décadas atrás, quando somente o café era a bebida servida após a reza, havia-se todo um ritual detalhado para a preparação no dia da renovação.

A água era colocada no fogo em uma vasilha grande, que geralmente era uma panela de barro, ou uma lata grande reservada exclusivamente para a preparação do café naquele dia. Esta ação se iniciava quando a “rezadeira” chegava na casa. Ao final da renovação, ao cantar o bendito final, dedicado ao padre Cícero, acrescentava-se na água aquecida o açúcar e o pó do café. Ao terminar o cântico final, dar os vivas aos santos, o café já estava pronto para servir. Era colocado nos bules e levado a mesa.

É preciso chamar a atenção para alguns detalhes da preparação. O tempo de aquecimento da água, o conhecimento empírico da cafezeira que calculava a olho, a quantidade do açúcar e do pó, suficientes para a quantidade de água na vasilha. O café depois de pronto que não era coado em filtro de pano ou de papel, a vasilha que não era retirada do fogo enquanto estivesse servindo o café, e outras particulares que por vez possam existir, mas que não foram apontados durante as observações ou entrevistas realizadas.

Talvez devido essas particularidades, ouvimos de diversos sujeitos que o café da renovação tem um gosto e sabor diferente. Um gosto peculiar, único e especial que só se encontra nos cafés da renovação. Essas narrativas reforçam que o sabor talvez esteja ligado a questão emocional, religiosa e simbólica que o momento e a bebida apresentam e que são transmitidas através de uma linguagem simbólica.

Alguns sujeitos veem o café do santo como sendo algo simbólico, sagrado, sacro. Por isso apresenta esse gosto peculiar que o difere dos cafés servidos no dia a dia. Cassirer (1994), fala que o homem tem a capacidade, ou dependência, de viver em um universo simbólico, este universo que vai além de suas materialidades e racionalidades. Ou seja, o homem não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. Ele vive numa dimensão em que a arte, a religião, a ciência e a linguagem são partes de um complexo emaranhado da experiência humana; formando, ou articulando, o seu universo simbólico.

Café sempre será café, mas o café do santo, é sagrado. É assim que muitos devotos veem esse alimento, como sendo um elemento sacro dentro do ritual da renovação ao SCJ. Durante as entrevistas ouvimos de algumas pessoas que após a renovação pode ser servido qualquer tipo de bebida que não seja alcóolica, mas sempre precisa ter o café, pois não existe renovação sem café, uma vez que a tradição foi deixada pelo padre Cícero

e precisa ser seguida até o final, do jeito que ele deixou. Quanto a isso Cassirer (2001) aponta que.

Se toda cultura se manifesta na criação de determinados mundos de imagens espirituais, de determinadas formas simbólicas, a meta da filosofia não consiste em colocar-se na retaguarda de todas estas criações, e sim em compreendê-las e elucidá-las em seu princípio (Cassirer, 2001, p 74).

Para o historiador Renato Dantas (2020), a partilha do café do santo para algumas famílias, fazem referência a partilha da santa ceia, ou até mesmo com o momento da comunhão presente no rito da missa na igreja católica. O café está associado ao vinho e a bolacha a hóstia consagrada. Dentro dessa concepção percebe-se que o café e a bolacha são importantes dentro dessa celebração, isso é uma forma de gratidão. As pessoas vêm a sua casa e precisam partilhar com você, elas precisam serem chamadas a mesa.

É notório, pela história do padre Cicero que ele sempre teve uma visão de mundo diferenciada dos demais na sua época, inclusive era referência para muitos políticos. Devido seu conhecimento ele metaforizava tudo aquilo que a bíblia trazia da forma mais simples possível, para que o seu povo do sertão nordestino compreendesse. A Bíblia trazia as bodas de Canaã, um momento de festa, de partilha, em que era servido o vinho. Para o sertanejo esse vinho era o café que era a bebida acessível por eles, e no lugar do peixe a bolacha seca de água e sal. Parafraseando Cassirer (2001).

Para que nesta tensão, precisamente, se torne visível a performance específica da expressão simbólica e o conteúdo de cada uma das formas simbólicas. Porque este conteúdo, com efeito, não pode ser comprovado, enquanto persistirmos na crença de que, acima de toda conformação espiritual, possuímos a “realidade” como um ser dado e auto-suficiente, como um todo, seja de coisas, seja de sensações simples (Cassirer, 2001, p 192).

O café do santo não é uma obrigação, é uma cultura. Algumas famílias acham que não podem deixar de servir o café no dia da Renovação, pois isso desconfigura o sentido da Renovação. Aquele é um momento de partilha abençoado por Deus, é um costume que tem um significado muito forte, não é o valor principal da celebração, mas certamente a mão de Deus age naquele alimento servido.

Mesmo diante de tanta modernização e de uma diversidade de bebidas e lanches oferecidos após a reza, ainda é comum ouvir a expressão: “tomar o café do santo” é assim que as famílias costumam convidar as outras na zona rural, e que as rezadeiras até os dias atuais ainda utilizam ao terminar de rezar a renovação.

O café do Santo seria o alimento corporal necessário para aquelas pessoas que se disponibilizaram de estarem ali presentes naquele momento reunida com a família para

rezar. O alimento espiritual é distribuído durante o rito da reza da renovação, o alimento emocional o sujeito encontra naquele abraço ou no acolhimento da família ao chegar ao local. “Na verdade, porém, o sentido das formas não pode ser procurado naquilo que elas expressam, mas tão-somente na maneira, no modus e na legalidade interior da própria expressão” (Cassirer, 2001, p 192).

Os símbolos, são elementos presentes na representação. Eles formam uma ponte que oferece acesso entre o devoto e o sagrado. Essa representação tem origem na imagem que estabelecemos com aquilo que nos foi herdado culturalmente. No mundo mítico e religioso a cultura humana não é vista como algo dado, mas como algo que necessita ser explicado.

É nesse sentido que a relação do devoto com o símbolo é bastante intensa, pois ele não os vê apenas como um sinal, mas como algo que transcende o significado do objeto, que está carregado de dinamismo e afetividade.

As narrativas das memórias, dos acontecimentos cotidianos do passado e do presente, assim como as festividades religiosas realizadas em torno da fé e devoção ao SCJ dão um suporte cada vez maior à criação e a valorização da identidade cultural do povo juazeirense.

Trabalhar com as lembranças, e memórias de um povo é (re)viver toda cultura e fé intrínseca na vida de cada um dos sujeitos que se permitiram fazer parte desse trabalho. “Na verdade, a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente” (Delgado, 2006, p. 09). Geografizar os sabores presentes nas narrativas e sua relação com as dimensões significativas do lugar foi uma imersão a vida religiosa, mítica e simbólica de cada momento observado e cada sujeito entrevistado.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia da religião; Geografia dos sabores; Café; Renovação ao Sagrado Coração de Jesus.

Referências

CASSIRER, E. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
Cassirer, Ernst, 1874-1945. **A filosofia das formas simbólicas** / Ernst Cassirer; tradução Marión Fleischer. - São Paulo: Martins Fontes, 2001. - (Coleção tópicos)
CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**; Ralph Della Cava. Tradução Maria Yedda Linhares. — 3a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
DANTAS, Renato. Entrevista [dez. 2021]. Entrevistadora: Marilene Ferreira Lobo. Entrevista concedida a autora durante a pesquisa de mestrado.

